

FRENTE: PORTUGUÊS II

PROFESSOR(A): SOUSA NUNES

ASSUNTO: LITERATURA

EAD – ITA/IME

AULA 10



Resumo Teórico

Contos machadianos

Machado de Assis é o maior escritor do Brasil de todos os tempos e um dos maiores da Língua Portuguesa. Sua obra, original e única, é lida e comentada em todo o mundo, e continua, apesar dos anos, despertando o mais vivo interesse dos estudiosos e dos leigos. Apenas para confirmar esta assertiva, veja o estudo de Mr. John Gledson, *Machado de Assis: Impostura e Realismo*, publicado na Inglaterra, e lançado no Brasil em 1991 pela Cia. das Letras, e o recém-lançado *Machado de Assis: Ficção e Utopia*, de Massaud Moisés, da Editora Cultrix, São Paulo, 2001.

Escrevendo numa linguagem enxuta, objetiva, culta, Machado de Assis conseguiu fugir dos modismos e cacoeses linguísticos que permeavam a literatura brasileira do final do séc. XIX e início do séc. XX.

Os contos de Machado permitem ao leitor vislumbrar a riqueza e a abrangência da sua obra, que aborda um leque temático dos mais variados.

O egoísmo humano e o interesse pessoal estão presentes em "O Caso da Vara"; o drama da expressão, a contradição entre intuição espiritual e a expressão é a tônica de "Cantiga de Esponsais"; a sedução, a sensualidade e o rito iniciático aparecem em "Missa do Galo"; o sadismo é o tema de "A Causa Secreta"; a crítica ao poder corruptor do dinheiro, destacando a relação essência-aparência, é o tema de "O Enfermeiro" e "Conto de Escola"; o formalismo das imposições sociais determinando o comportamento dos indivíduos é o tema de "O Espelho" e de "Teoria do Medalhão"; o adultério aparece em "A Cartomante"; a vaidade está em "Um Apólogo"; e, por fim, a sátira à política, na qual prevalece o casuísmo e as falcatruas estão em "A Sereníssima República".

"A Cartomante"

Conto de suspense, "A Cartomante" traz um trivial caso de adultério, servindo de suporte para o autor analisar os mecanismos que informam o funcionamento da mente humana e os desdobramentos que se seguem ao seu atordoamento. Neste conto, o leitor acompanhará as aventuras de dois amantes e verá aonde o amor que os une os levará.

O conto "A Cartomante" apresenta: unidade de ação, tempo, espaço, objetividade e poucas personagens, isto considerando a teoria do conto dentro de uma visão mais tradicional. A ação gira em torno de um caso de adultério entre Camilo e Rita, esposa de Vilela, amigo de infância de Camilo, o que – por sinal – favorece o adultério.

A história está focada num triângulo amoroso, tema marcante na literatura machadiana. A narrativa, contudo, não é linear, pois o relato começa pelo meio, quando Rita e Camilo já são amantes há

algum tempo e andam preocupados com a possibilidade da descoberta da relação de ambos por Vilela. Usando a técnica do *flash-back*, a partir do quinto parágrafo o narrador intervém na narrativa para lhe dar uma ordem temporal. Esse recurso vai permitir ao leitor um apoio na linearidade desde passado-presente-futuro.

O **suspense** pode ser percebido a partir do momento em que Camilo recebe, na repartição, um bilhete de Vilela. A partir daí, o narrador cria a expectativa de que algo chocante vai acontecer na casa de Vilela. Em seguida, quebra essa tensão através da presença da cartomante diante de Camilo, dando-lhe tranquilidade e assegurando-lhe que nada de mal lhe aconteceria, para no final acontecer tudo ao contrário, ou seja, o duplo assassinato cometido pelo marido traído.

Já no início do conto, mais especificamente nos dois primeiros parágrafos, o narrador cria um clima de misticismo e descrença, esta por parte de Camilo, que se mostra apático e indiferente com as revelações da cartomante. Mais adiante, no entanto, Camilo acaba recorrendo aos mesmos recursos de Rita. Isto surge no conto como uma revelação, como uma forma de reforçar as contradições no interior das personagens machadianas. Ainda a respeito desse assunto, fica claro que a referência à tragédia de Shakespeare por meio da fala de Hamlet que se dirige ao confidente Horácio parece não deixar dúvida quanto às contradições e às ambiguidades, ao inexplicável e ao inesperado dentro da obra machadiana. Senão vejamos apenas a título de lembrança como o autor inicia o seu conto: **"Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia"**.

"O Enfermeiro"

Quem contrata um enfermeiro busca nele um assistente, um pilar de sustentação da vida. Contudo, ao contratar o enfermeiro Procópio, o Coronel Felisberto podia pensar em ter tudo, menos alguém que viesse dar cabo à sua já agonizante existência.

Neste conto, os elementos do gênero dramático estão bem presentes, especialmente o trágico: uma ação grave, praticada sem vontade objetiva, leva a um resultado capaz de despertar terror e piedade. Terror pela ação nefanda praticada; piedade, pela involuntariedade de sua prática, suscitando compaixão ante o drama vivido pelo personagem.

É nessa linha de análise que Salvatore D'onofrio (*O texto literário*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, pp. 159-170) analisa este conto.

Partindo do conceito aristotélico de peripécia (*Poética*, XI), como sendo a oposição de contrários, ou seja, como sendo a obtenção de um efeito oposto ao esperado numa sequência narrativa, aquele autor procura mostrar como "O Enfermeiro" se aproxima de um texto dramático trágico.

No conto, Procópio, um funcionário público pobre, discreto, com prática de enfermagem, dirigindo-se a um leitor virtual, a quem se refere como "senhor" e que lhe pedira um relato, conta um fato, um depoimento humano do que ele ocorreu certa vez.

Precisando ganhar dinheiro, fora servir de enfermeiro a um velho coronel, Felisberto, prepotente e tirânico, em estado periclitante, numa vila do Rio de Janeiro.

O texto começa pelo meio, como se o leitor entrasse na conversa como um espectador que a tudo assiste sem interferir.

As duas personagens pareciam se completar mutuamente: Procópio precisava de dinheiro e o coronel Felisberto, de assistência. Essa mutualidade, contudo, não ocorreu. Após uma semana de “lua-de-mel”, Procópio passa a ser tratado como a seus predecessores, recebendo toda sorte de injúrias do coronel. Aqui, no dizer de Salvatore D’Onofrio, ocorreu a primeira peripécia: para obter vantagem econômica, Procópio se degradou

“não dormir” = ausência de vida vegetal
 “não pensar” = ausência de vida intelectual
 “recolher injúrias” = ausência de vida moral
 (obra citada, p. 165)

Em função dos maus-tratos recebidos, Procópio tenciona ir embora. O vigário e o coronel instam a que ele fique. Após três meses, contudo, ele resolve ir-se. Mas tendo que acordar o coronel certa noite e não o fazendo, é afrontado pelo velho, que lhe atira uma moringa no rosto. Enfurecido, Procópio esgana Felisberto, produzindo uma segunda peripécia: para defender-se da agressão recebida, acaba matando o coronel. O destino subverteu a vontade humana e fez com que o enfermeiro, que fora à vila salvar o coronel, acabasse por matá-lo de vez.

Na sequência, ele se sente atordoado, tem visões, alucinações, pensa em ir embora, mas teme a reação popular. Providência, então, o enterro do velho e retorna ao Rio de Janeiro. Sete dias depois, recebe uma carta do vigário dizendo que fora encontrado o testamento de Felisberto, no qual Procópio constava como herdeiro universal. Esse fato, no dizer de Salvatore D’Onofrio, constitui o que Aristóteles chamou de *agnorisis* ou reconhecimento, entendido como a passagem do ignorar ao conhecer e constitui uma dupla peripécia: o coronel, tencionando premiar seu assistente, premiou seu assassino; Procópio, tentando livrar-se de seu algoz, terminou por antecipar sua entrada na herança do velho coronel. A verdade essencial vem à tona. Procópio parece vítima, mas é o assassino; Felisberto, apesar de parecer tirano, é a vítima.

Temos aqui o tema do conto, a relação ser-parecer, com o predomínio do parecer sobre o ser.

O herói machadiano, na verdade, é um anti-herói que goza o que a sorte benévola e a máscara social lhe proporcionam. Tem-se, assim, uma inversão de valores, com o triunfo do mal sobre o bem. Machado quis mostrar que a hipocrisia é a chave para se penetrar na sociedade e nela permanecer e prosperar. E conseguiu.

No desfecho do conto, percebe-se toda a ironia com que Machado de Assis descreve o ser humano e o seu pessimismo cósmico. Sentindo-se culpado caso recebesse a fortuna deixada pelo coronel Felisberto, Procópio pensa inicialmente em não aceitá-la, pois que é fruto de uma ação criminosa; depois, pensa em aceitá-la e dá-la toda; em seguida, cogita em dar apenas a metade, e, finalmente, em não dar nada, já que a sociedade não suspeitava dele e os braços da lei pareciam nunca atingi-lo. Ele, então, encerra seu relato ironizando o sermão da montanha: “Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados”.

Consolados, sim, porque a sociedade tal como a retratou Machado de Assis sempre valorizou a aparência em detrimento da essência, a posse sobre os valores morais.

“Missa do Galo”

Um dos mais perfeitos contos de Machado de Assis, e de toda a literatura brasileira, traz o envolvimento emocional de um jovem rapaz, Nogueira, com uma senhora balzaquiana, Conceição, carregado de sugestões e conotações erótico-sensuais tênues, que despertam no leitor o fino gosto pelo detalhe e pelo pormenor.

A “Missa do Galo” não só é um exemplo perfeito de conto, como se constitui num dos mais belos textos de Machado de Assis e, provavelmente, de toda a literatura brasileira, pela riqueza das imagens, pela simplicidade da trama e pelo caráter enigmático que envolve as personagens.

O conto é formado por um único episódio, o diálogo cheio de sugestões eróticas e sensuais travado pelo narrador, Nogueira, um jovem de dezessete anos no tempo do enunciado, e Conceição, casada e com trinta anos.

O tempo e o espaço também são únicos neste conto. Tudo se passa entre as 22 e as 24 horas de uma noite de Natal, na sala da casa de Conceição e Meneses, localizada na rua do Senado, no Rio de Janeiro.

As personagens centrais são Nogueira e Conceição. Nogueira, narrador-personagem, interiorano, está no Rio a fazer preparatórios (exame de admissão). Gosta de livros de aventuras e tem curiosidade por ver uma missa do galo na Corte. Conceição, balzaquiana, é tida como santa por suportar a indiferença e o desamor do marido, que semanalmente dorme fora. É passiva e gosta de leituras românticas. As duas personagens guardam em seus interiores as suas verdadeiras essências, já que ao longo da narração não deixam transparecer o que de fato são.

Toda a ação do conto se passa na conversação que os dois travam na sala da casa de Meneses, quando este está fora. O diálogo dos dois é cheio de implicações e sugestões, mas nunca revela claramente nada. A atmosfera de penumbra que perlustra todo o conto dá a ele o exato tom de mistério e enigma que caracteriza a obra machadiana.

O Professor José Fernandes (Cadernos de pesquisa do ICHL, nº 05, Goiânia, Cegraf/UFG, 1990, pp. 722) lança algumas pistas para a compreensão do conto, notadamente analisando o nome das personagens e a simbologia dos números que as envolvem.

No dizer daquele crítico, Nogueira, entre outras implicações, quer dizer “árvore” e assim possui casca e cerne, mas só revela a casca, o exterior. O que se passa no seu interior é escamoteado. Já Conceição tem os significados de “conceber”, “receber”, recebendo o menino e devolvendo o homem.

Ainda conforme José Fernandes, a idade de Conceição, trinta anos, menos a idade de Nogueira no tempo do enunciado, dezessete anos, dá como resultado o número 13, número do galo no jogo do bicho. Este, por sua vez, relaciona-se à acuidade, à vigilância, ao sexo. Desta forma, na noite da missa do galo, Nogueira passa por um rito de passagem, saindo da infância à maturidade, passando de frango a galo.

Estes são apenas alguns dos elementos simbólicos dos quais se valeu Machado de Assis para dar a este conto um caráter misterioso e enigmático, trazendo-o para o centro das discussões literárias em todo o Brasil.

“O Espelho” – Esboço de uma nova teoria da alma humana

Neste conto surpreendente, Machado de Assis, por meio de seu personagem Jacobina, um alferes, mostra que as pessoas têm duas almas: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro. Conheça-as, lendo este conto incrível.

O conto se estrutura em dois níveis:

I – narrativa moldura: um narrador de terceira pessoa introduz a história, dizendo que quatro cavalheiros conversavam calorosamente e um quinto ouvia a tudo sem dizer nada;

II – narrativa encaixada: Jacobina, o quinto cavalheiro, quando a discussão recai sobre a alma humana, toma da palavra e, sem aceitar réplicas, relata em primeira pessoa uma experiência pela qual passou.



No seu relato, Jacobina surpreende a todos afirmando que, na verdade, o ser humano não tem só uma, mas duas almas: uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro.

Todos ficaram espantados com a afirmativa do cavalheiro misterioso, mas este não admitiu contestação, ameaçando interromper seu relato.

Prosseguindo na sua filosofia, afirmou que a alma exterior do homem tanto pode ser um espírito como um objeto. As duas almas completam o homem, assim como as duas metades de uma laranja completam a laranja. A alma exterior, segundo ele, não é única e imutável.

Exemplificando sua teoria, conta ele um caso pessoal. Aos vinte e cinco anos foi nomeado alferes da Guarda Nacional e foi muito elogiado e bajulado pela família. Todos lhe enalteciam a farda. Sua tia Marcolina o convidou para passar uns dias com ela, colocando até um grande espelho só para que ele pudesse se mirar melhor.

Jacobina tinha sonhos, sendo elogiado em todos eles. Certo dia, contudo, mirou-se no espelho e não viu sua imagem claramente. Estava esfumada, tênue, difusa, sombria. Desesperado, correu e se vestiu. De volta à frente do espelho, o vidro o reproduzia agora com toda nitidez. Com isto finda seu relato.

O narrador de terceira pessoa toma a palavra e emoldura a narrativa, encerrando-a.

Através da filosofia de Jacobina, Machado de Assis endereça críticas à sociedade que só vê os aspectos exteriores da condição humana, deixando de olhar para dentro do homem.

A alma exterior é a aparência, a falsidade, a falsa imagem e a falsa opinião. É como a sociedade vê o homem: como um objeto, massificado, desessencializado. Neste sentido, o homem vale pelo que possui, pelo que tem. É o domínio do Ter sobre o Ser. Para Jacobina, o Ser só existia diante do Ter. Sua farda era sua identidade social e familiar. Por isso ele não se vê diante do espelho, por isso sua imagem se esfuma, quando ele está sem farda.

Esfuma-se, porque o ser humano se apega demasiado ao material e olvida o humano, valoriza a aparência e não a essência, a hipocrisia e não a verdade.

Já a alma interior é o que de fato o homem é. É o domínio do Ser. É a sua essência, os seus valores morais, éticos, religiosos, filosóficos etc.

Ao falar em duas almas humanas, Machado não está mais do que fazendo uma crítica à obsessiva fixação da sociedade nos aspectos exteriores da condição humana, e não na sua conduta moral, na sua riqueza interior.

“Cantiga de Esponsais”

Conto-síntese, trata do fenômeno da criação artística e da sua complexidade como objeto, a partir do qual o artista reflete sobre si e o mundo. A criação, contudo, não é produto só da vontade; há que ter também talento, aptidão interior e, sobretudo, sentimento. Mestre Romão queria compor uma peça musical em homenagem ao seu grande amor, mas faltava-lhe o sentimento desse amor, o sentimento da paixão.

Integrando o volume de *História sem Data* (1884), “Cantiga de Esponsais” é um dos mais profundos e líricos contos de Machado de Assis.

O conto desenvolve o tema da impotência criadora, o drama da expressão, a contradição entre a intuição espiritual e a expressão dessa intuição.

Com efeito, a dificuldade de Mestre Romão em conseguir expressar o que sente, transpondo para a linguagem musical tudo o que sentia em relação à sua jovem esposa, se frustra em razão de ele se valer do meio impróprio para isto, a arte.

Ao colocar a jovem nubente cantarolando a frase musical que tanto atormentou mestre Romão, Machado quis demonstrar que é mais importante viver um sentimento do que teorizá-lo. A jovem conseguiu porque não se preocupou em teorizar sem sentir, mas simplesmente em exteriorizar um estado de alma pleno de prazer e cheio de vida.

A contradição pungente gerada pela conduta da moça que canta sem refletir e a de mestre Romão, que reflete sem conseguir compor, gera uma angústia existencial, um sofrimento, um sentido de vazio que incomoda e envolve a todos quantos leiam este conto. A identificação com o desencontro artístico e amoroso do velho se faz de imediato.

O drama vivido pelo maestro deslinda o tema do conto – o drama da expressão – e revela que o cotidiano esconde dramas intensos, embora anônimos e sem voz, mas nem por isso menos importante.

Transformar o cotidiano aparentemente mesquinho e sem novidades em textos de intenso lirismo e acentuada poesia verbal também é característica de Machado de Assis. Nenhuma experiência cotidiana, por mais insignificante que pareça, passou despercebida pela sua parabólica intelectual.

O Alienista – Resumo

Através da obsessão científica do Dr. Simão Bacamarte e de suas consequências para a vida de Itaguaí, Machado de Assis faz neste livro a crítica da importação indiscriminada de teorias deterministas e positivistas em nosso país.

I – Narrador

Em *O Alienista*, escrito em terceira pessoa, Machado de Assis usa, inicialmente, a autoridade das crônicas antigas, como podemos perceber no início do texto:

‘As crônicas da Vila de Itaguaí contam que em tempos remotos vivera ali um certo médico...’

Em ritmo de ‘era uma vez’ dá-se o começo da narrativa. Três expressões assumem um papel de relevo neste primeiro contato nosso com o narrador: **crônicas**, **tempos remotos** e o **vivera**. As três reforçam a antiguidade da história, dando-lhe a mesma autoridade que o amarelado empresta aos livros. As crônicas trazem a respeitabilidade do que é aceito pela tradição como verdadeiro. Se elas dizem, não há que contestar. Os tempos remotos servem para distanciar esta narrativa do tempo presente, evitando qualquer deturpação por interesses imediatos. Finalmente, o verbo no pretérito mais-que-perfeito – vivera – reforça os já distanciados tempos remotos. Assim, uma expressão intensifica a outra, cabendo-nos perguntar por que o narrador se interessaria tanto em manter a história restrita a um tempo passado, e bastante passado.

A resposta já foi colocada no início do parágrafo anterior: a distância no tempo aumenta a respeitabilidade da narração, pretendendo dar-lhe uma autoridade quase que incontestável, além de favorecer um distanciamento crítico do narrador-cronista em relação à história.

Entretanto, caso este narrador-cronista queira deturpá-la em proveito próprio, ele não pode fazê-lo, pois notamos no livro a presença de um segundo narrador, que reconta a história, parecendo garantir a isenção dela.

O foco narrativo deste segundo narrador está em conformidade com os princípios da literatura realista; isto é, trata-se de um narrador-onisciente, preocupado com a objetividade. Embora este

narrador tenha a capacidade de nos trazer os aspectos íntimos dos vários personagens, o que não poderia ser feito pelo narrador-cronista, ele centraliza a sua atenção em Simão Bacamarte, protagonista do conto. Ao mesmo tempo, procura mostrar aqueles que se revelam mais decadentes e denunciadores dos tipos humanos presentes em *O Alienista*. Por exemplo, quando a esposa do boticário Crispim está presa no hospício e ele não vem libertá-la, o narrador a faz desfilar uma série de acusações ao marido. Estas acusações estão em desacordo com o comportamento da personagem ao longo da história – ela sempre pareceu acatar e respeitar o marido – revelando, assim, que na verdade a personagem até então apenas ‘mantinha as aparências’, era cúmplice do marido.

‘— Tratante! ... velhaco! ... ingrato! ... Um patife que tem feito casas à custa de unguentos falsificados e podres ... Ah! tratante!...’

E assim por diante ... Através da ‘loucura’ de vários personagens [pelo menos assim o julgava o Dr. Bacamarte – o alienista], o narrador vai mostrando as misérias humanas, o que demonstra ser intrusa e não imparcial a sua onisciência.

Entretanto, a suposta ‘confiabilidade’ do narrador-cronista e a suposta ‘objetividade’ do narrador-onisciente relativizam, aos olhos do leitor, esta intrusão, fazendo predominar a impressão de isenção do[s] narrador[es] que é característica da literatura realista.

II – Enredo

O Dr. Simão Bacamarte, médico da Corte, volta à terra natal, Itaguaí, para entregar-se de corpo e alma ao estudo da ciência. Com o tempo, resolve dedicar-se ao estudo da loucura, fundando o seu manicômio, a Casa Verde.

Com persistência e abnegação, o médico vai trabalhando com os desequilibrados mentais que mandava recolher à Casa Verde, sempre buscando entender o que era loucura. Vem-lhe então à mente uma nova teoria que alarga o conceito de loucura, acabando com a antiga e aceita distinção entre normalidade e alienação mental.

Expõe a nova teoria ao padre Lopes, o clérigo de Itaguaí, que a acha perigosa: ‘Com a definição atual, que é de todos os tempos’, acrescentou, ‘a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?’

No entanto, é destruída a cerca ... O sábio começa a encerrar em seu manicômio uma grande quantidade de pessoas, cujo comportamento era até então considerado ‘normal’ pela sociedade: os que possuíam ‘mania’ de oratória, como Martim Brito, os vaidosos, como o albardeiro¹ Mateus, os excessivamente cortesões, como Gil Bernardes, os emprestadores de dinheiro, como o Costa, e, dentre todos eles, a própria esposa, Dona Evarista, que passara a noite hesitando entre um colar de granada e outro de safira para ir ao baile ... É bom que se diga que o padrão da normalidade era constituído pelos critérios do alienista, obviamente em consonância com os ditames da Igreja e dos poderes constituídos.

Tão grande foi o número de internações, várias aparentemente injustas, que ocorre uma rebelião em Itaguaí, liderada pelo barbeiro Porfírio. Este prometera destruir a Casa Verde, mas, uma vez no poder, entra em acordo com o Dr. Bacamarte. Isso basta para que haja uma nova revolta, liderada por outro barbeiro, o João Pina. Um destacamento militar, vindo da capital, põe fim às desordens em Itaguaí e o médico pôde prosseguir seu trabalho.

Com o tempo, as conclusões do alienista sobre a loucura alteram-se drasticamente.

Louco não é mais o desequilibrado, e sim aquele que exhibe um perfeito equilíbrio das funções mentais. Por causa disso, Simão Bacamarte liberta os antigos loucos e passa a prender os novos, como o padre Lopes, a esposa do boticário Crispim e o barbeiro Porfírio: primeiramente preso pela inconsistência de sua rebelião; depois, por ter percebido essa mesma inconsistência, e se recusado

a liderar outra rebelião... Com alguns meses de tratamento, todos foram soltos após revelarem algum desequilíbrio, provando que estavam curados, mas o nosso alienista não fica contente: ainda não chegara a uma conclusão em suas pesquisas. Começa a desconfiar que ele não havia curado ninguém, que os pacientes só haviam revelado um desequilíbrio que já possuíam anteriormente. Com isso, desloca seu estudo para si mesmo. Certifica-se de que é a única pessoa realmente equilibrada de toda a vila e se tranca na Casa Verde, declarando-se, ao mesmo tempo, médico e paciente. Morre depois de alguns meses.

O enredo deste conto, além de discutir ironicamente as fronteiras entre a razão e a loucura, também coloca a questão do poder. Todos os que o exercem em Itaguaí, incluindo-se dentre eles o revoltoso barbeiro Porfírio, fizeram uma composição com Simão Bacamarte, o que sugere que tanto a razão quanto a loucura são usadas pelo poder, dependendo de seu interesse. Por isso, nada foi feito de efetivo contra a Casa Verde, e os prisioneiros liberados pelo próprio alienista. Assim, podemos concluir esta primeira leitura possível com um pessimismo machadiano: ‘O mal não parece estar no ‘racional’ ou no ‘normal’, mas no humano...’

- aquele que fábrica ou vende albarda ou albardão, ou seja, sela grosseira para resguardar o lombo das bestas de carga.



Exercícios

- Texto para a questão 01.

I ADAGIO CANTABILE

MARIA REGINA acompanhou a avó até o quarto, despediu-se e recolheu-se ao seu. A mucama que a servia, apesar da familiaridade que existia entre elas, não pôde arrancar-lhe uma palavra, e saiu, meia hora depois, dizendo que Nanhã estava muito séria. Logo que ficou só, Maria Regina sentou-se ao pé da cama, com as pernas estendidas, os pés cruzados, pensando.

A verdade pede que diga que esta moça pensava amorosamente em dous homens ao mesmo tempo, um de vinte e sete anos, Maciel — outro de cinquenta, Miranda. Convenho que é abominável, mas não posso alterar a feição das cousas, não posso negar que se os dous homens estão namorados dela, ela não o está menos de ambos. Uma esquisita, em suma; ou, para falar como as suas amigas de colégio, uma desmiolada. Ninguém lhe nega coração excelente e claro espírito; mas a imaginação é que é o mal, uma imaginação adusta e cobiçosa, insaciável principalmente, avessa à realidade, sobrepondo às cousas da vida outras de si mesma; daí curiosidades irremediáveis.

Machado de Assis. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.

- (Insper) O excerto acima é a abertura do conto “Trio em lá menor”, no qual se podem identificar, através da descrição do perfil da protagonista, traços marcantes da obra machadiana, como a/o:
 - ênfase na crítica corrosiva aos interesses fúteis da elite brasileira.
 - tom confessional do narrador que explicita a ficcionalidade da trama.
 - ruptura da linearidade narrativa com inserções de caráter reflexivo.
 - visão materialista de mundo, a qual despreza dramas existenciais.
 - presença de imagens plásticas que desnudam a hipocrisia das personagens.



- Texto para a questão 02.

(...) Quanto ao outro original, aquela história de um casamento malsucedido, *Dom Casmurro*, detectamos um problema na trama: afinal, Capitu traiu ou não o marido? Isso não fica claro. Talvez fosse preciso reescrever o texto adotando outro ponto de vista que não o de Bentinho, parte interessada em nos fazer crer ter sido ele vítima de adultério. E se a narradora fosse a prima Justina, que “dizia francamente a Pedro o mal que pensava de Paulo, e a Paulo o que pensava de Pedro?” Parece-nos uma voz mais isenta, capaz de narrar os acontecimentos com a distância que o enredo exige.

Maria Emília Bender. “Se nos permite uma sugestão”.
In: *Piauí* 115 Abril, p. 60. 13.

02. (ESPM) No texto, de caráter humorístico e ficcional, simula-se a possível reação de um editor ao avaliar os originais de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. O conselho dado por ele para o escritor realista revela:
- A) a falta de conhecimento sobre a obra, visto que o romance é narrado em 3ª pessoa.
 - B) a insensibilidade de perceber que, ainda que o relato se apresente em 1ª pessoa, garante-se a isenção necessária.
 - C) a ingenuidade com que a obra foi lida, visto que, ainda que de modo implícito, a certeza sobre o adultério é dada.
 - D) a falta de percepção para a reflexão proposta na obra: a impossibilidade de se conhecer o outro por completo.
 - E) o desconhecimento de que as digressões tão frequentes na obra constituem recurso para garantir o distanciamento em relação aos fatos narrados.
- (Fatec-SP) Utilize o texto a seguir para responder à questão 03.

[...] Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por lançar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempo de desviar-me, a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada; atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o.

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito; mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde; arrebentara a aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contígua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto.

[...]

Antes do alvorecer curei a contusão da face. Só então ousei voltar ao quarto. Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei; ainda assim, não cheguei logo à cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me; cheguei a pensar na fuga; mas era confessar o crime, e, ao contrário, urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até a cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: “Caim, que fizeste de teu irmão?” Vi no pescoço o sinal das minhas unhas; abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico.

A primeira ideia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalei o cadáver, com o auxílio de um preto velho e míope.

Machado de Assis, “O enfermeiro”.

03. (Fatec-SP) Considerando o fragmento de “O enfermeiro”, é correto afirmar que, na obra de Machado de Assis,
- A) os impulsos doentios e as atitudes criminosas do homem são dois de seus principais temas.
 - B) os comportamentos humanos são analisados em função das relações sociais.
 - C) são constantes as referências religiosas e bíblicas, atestando a confiança do homem que obedece à moral cristã.
 - D) os personagens se conduzem de acordo com as normas éticas universais, mesmo quando infringem as leis dos homens.
 - E) os negros surgem como personagens secundários, em posição de servos incompetentes, justificando-se, assim, a existência do regime escravocrata.

04. Leia o seguinte trecho.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público.

Assinale a alternativa correta a respeito de características de Machado de Assis, que aparecem no trecho transcrito.

- A) Perspectivas detalhistas e cientificistas na composição das cenas.
 - B) Uso de expressões arcaicas que caracterizam o preciosismo da linguagem.
 - C) Defesa das relações familiares e dos valores morais.
 - D) Utilização de frases sintéticas e construção de expressões irônicas.
 - E) Composição de lirismo saudosista e exaltação nacionalista.
05. Leia o fragmento a seguir, extraído de “A Cartomante”, de Machado de Assis.

“Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando”.

Segundo o trecho anterior, Camilo:

- A) ainda criança, preferiu não acreditar em nada.
- B) desde criança desprezava superstições.
- C) diante do desconhecido, preferiu ficar indiferente.
- D) era crédulo, apesar de negar qualquer fé.
- E) negava qualquer envolvimento com religião.

06. (UfsCar-SP) Machado de Assis faz do conto “A igreja do Diabo” um instrumento para análise e crítica, por certo corrosiva, das instituições que, de algum modo, buscam estabelecer normas de conduta moral para os seres humanos. Utiliza, para tanto, a ironia, a qual, no texto transcrito, se faz presente em vários momentos, atingindo vários alvos, dentre os quais se destaca a Igreja Católica Apostólica Romana. Esta instituição importante está sendo atingida, de modo exclusivo, pela ironia, em:
- “Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a ideia de fundar uma igreja.”
 - “Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos.”
 - “Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.”
 - “Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico.”
 - “Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.”
07. (PUC) No conto “Um homem célebre”, da obra *Várias Histórias*, de Machado de Assis, há uma profunda investigação da alma humana que pode ser resumida na afirmação do narrador de que “o primeiro lugar na aldeia não contestava a este César, que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas o centésimo em Roma”. Isso se justifica porque:
- Romão Pires, exímio regente de orquestra, busca aquilo que não consegue alcançar.
 - Pestana, exímio em sua atividade de compositor de polcas, não se satisfaz com a perfeição que atinge.
 - Fortunato, dono de uma Casa de Saúde, diante da dor alheia sente um enorme prazer e a saboreia deliciosamente.
 - Vilela, afamado advogado e marido de Rita, mata a mulher e o amante, acometido de indignação e furor.
 - Inácio, jovem aprendiz de escritório, refugia-se no sonho/ realidade, envolvido pelo objeto de sua obsessão amorosa.
- Leia o fragmento a seguir e responda às questões 08 a 10.
- “Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando”.
- “A Cartomante”, de Machado de Assis.
08. Em relação às descrenças de Camilo, há uma opinião do narrador em:
- “diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.”
 - “Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo (...)”
 - “E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade”
 - “No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião.”
 - “Também ele, em criança, e ainda depois foi supersticioso”.
09. “No dia em que deixou cair toda essa **vegetação parasita...**”, a expressão destacada refere-se a:
- crendices.
 - ensinos.
 - ilusões.
 - mistério.
 - religião.
10. “...que a mãe lhe **incutiu** e que aos vinte anos desapareceram.”, de acordo com o contexto, a palavra destacada significa:
- insinuar.
 - informar.
 - indicar.
 - introduzir.
 - invocar.
11. (UFMG) Assinale a alternativa em que o conto mencionado, de *Papéis avulsos*, de Machado de Assis, está corretamente associado a seu tema:
- “Na arca” / a cobiça humana
 - “O alienista” / o poder político e econômico
 - “Sereníssima república” / a paz universal
 - “Teoria do medalhão” / a ascensão social
12. (UFRGS-RS) Assinale a alternativa correta em relação ao conto *O alienista*, de Machado de Assis.
- O foco do texto é a denúncia da ignorância do povo em relação ao desenvolvimento da ciência brasileira, sobretudo no que se refere aos avanços das pesquisas sobre a mente.
 - A narrativa, cuja ação se passa no Rio de Janeiro, centra-se na crítica aos valores da classe média urbana, preocupada apenas com o consumo.
 - Com rigor científico e distanciado das injunções do poder, Simão Bacamarte aplica conhecimentos para curar os seus pacientes e obtém resultados eficazes.
 - O barbeiro Porfírio comanda uma rebelião contra o despotismo e, ao assumir o poder, mantém-se coerente com as propostas que o levaram ao governo da cidade.
 - Ao narrar experiências científicas do alienista, o conto enfoca também o arbítrio e a corrupção dos poderosos, bem como a impotência da população diante dos acontecimentos.
- (Insper) A questão 13 refere-se ao texto a seguir.

A CARTOMANTE

HAMLET observa o Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

– Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

– Errou! interrompeu Camilo, rindo.
– Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

– Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.
– Onde é a casa?
– Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

– Tu crês de veras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência, mas certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua do Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela.

Machado de Assis, *Obras Completas*.
Rio de Janeiro: Novo Aguilar 1994. v. II

13. (UFV) Sobre a narrativa machadiana "A Cartomante", apenas não se pode afirmar que
- A) a personagem Rita, ao concluir que "havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo", traduz vulgarmente a sentença de Hamlet, o famoso herói shakespeariano: "há mais coisa no céu e na terra do que sonha a nossa vã filosofia".
 - B) o desfecho de "A Cartomante" é trágico e seus personagens, Vilela, Camilo e Rita, formam o típico triângulo amoroso de grande parte das obras do período realista.
 - C) a personagem Rita mostra-se descrente em relação às premonições da cartomante, opondo-se ao comportamento de Camilo, extremamente supersticioso e obcecado por bruxarias.
 - D) a ironia machadiana reflete-se, sobretudo, nos momentos finais do texto, pelo contraste entre as profecias otimistas da cartomante e o destino cruel dos amantes Rita e Camilo.
 - E) a narrativa "A Cartomante" retrata uma situação de adultério e confirma a tendência realista para destruir e ridicularizar o casamento romântico.
14. (Insper/2013) É comum na obra de Machado de Assis a crítica à contradição entre aparência e essência. Essa crítica pode ser identificada no fragmento extraído da obra *O Alienista*, de Machado de Assis.
- A) "Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas."
 - B) "entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras e demonstrando os teoremas com cataplasmas."
 - C) "casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática."
 - D) "cobrir-se de 'louros imarcescíveis', - expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores."
 - E) "— A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico."

15. Quais os dados objetivos, em *Dom Casmurro*, que podem ser considerados como cabalmente reveladores de adultério?
- A) Ezequiel tem pés e mãos semelhantes aos de Escobar.
 - B) Não somente os traços físicos, mas os trejeitos do menino em tudo lembram Escobar.
 - C) Num certo dia, Bentinho surpreende Escobar saindo de sua casa.
 - D) Quando Escobar morre, Capitu chora desesperadamente sobre seu cadáver.
 - E) Não existe prova objetiva, na obra, para que se afirme cabalmente o adultério de Capitu.

GABARITO									
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
C	D	B	D	C	D	B	C	A	D
11	12	13	14	15					
A	E	C	D	E					



Anotações

SUPERVISOR/DIRETOR: MARCELO PENA – AUTOR: SOUSA NUNES
DIG.: SAMUEL – 19/09/18 – REV.: JARINA